



Memória, ressentimento e literatura: a ditadura no romance *La sombra de lo que fuimos* do escritor chileno Luis Sepúlveda

FABIANA SANTOS DA SILVA*

Introdução

As ditaduras estão entre os temas mais instigantes de estudo sobre a América Latina. Ao longo de sua história, a região sofreu processos ininterruptos de autoritarismo e violência institucional, mediante personagens políticos que personificaram o poder e a repressão estatal – Porfirio Díaz (México), Rafael Trujillo (República Dominicana), Anastasio Somoza (Nicarágua), François Duvalier (Haiti), Augusto Pinochet (Chile), entre muitos outros. Essas ditaduras passaram. No entanto, as cicatrizes ficaram e as lembranças também. Essas ainda mexem com os sentimentos, não só dos que viveram de perto esses momentos tão perturbadores da história política da região, mas também daqueles que herdaram o presente imposto por esses regimes. Acerca dessas lembranças, no âmbito deste trabalho interessa-nos aquelas capazes de vir à tona por meio das obras literárias, pois sem deixarem de lado o vínculo com uma escrita e estética carregadas de linguagem poética e artística, muitos escritores utilizaram a literatura para abordar as atrocidades e mazelas sociais decorrentes do autoritarismo.

No Chile, a ditadura cívico-militar mais recente que vigorou no país teve início em 11 de setembro de 1973. Foi resultado da ação promovida pelas Forças Armadas que bombardearam o *Palacio de La Moneda* e depuseram o presidente socialista Salvador Allende. Explorando esse momento histórico e suas reverberações no presente, este trabalho tem como tema a construção literária da memória desse período presente no romance *La sombra de lo que fuimos*, do escritor Luis Sepúlveda. O motivo para a delimitação desse tema de pesquisa provém da constatação de que tal experiência histórica continua a influenciar uma enorme produção literária que, por meio de diferentes abordagens, rememora e reavalia continuamente o trauma causado na coletividade chilena pelo regime genocida de Pinochet. Acreditamos que essas obras literárias, a exemplo de *La sombra de lo que fuimos*, podem indicar como a literatura também atua no processo de construção da memória acerca do

*Graduada em História pela Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA. Graduada do Curso de História-América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Apoio financeiro concedido pela PROGRAD/UNILA - Edital nº 020/2017.



passado ditatorial chileno. Neste texto, em específico, procuro mostrar como essa memória se constrói literariamente a partir das recordações e do ressentimento.

1. Sobre Luis Sepúlveda e *La sombra de lo que fuimos*

Luis Sepúlveda nasceu em quatro de outubro de 1949, na cidade de Ovalle, Chile. Ingressou na Juventude Comunista chilena em 1964, da qual veio a ser expulso em 1969. Nesse mesmo ano, publicou sua primeira obra, *Crónicas de Pedro Nadie*, o que lhe valeu o *Prémio Literario Casa de las Américas*. Em 1973 ingressou no Partido Socialista, onde chegou a fazer parte da segurança pessoal do então presidente do Chile, Salvador Allende. Nesse mesmo ano, foi preso pelas autoridades do agora presidente e ditador Augusto Pinochet. Em fevereiro de 1975 foi julgado por um tribunal militar, acusado de traição à pátria e conspiração. Condenado a 28 anos de prisão, conviveu com muitos outros encarcerados decorrentes da mesma perseguição política da ditadura. Em 1977, graças à intervenção da *Amnistía Internacional*, a pena foi comutada para oito anos de exílio na Suécia.

Desde 1996 vive em Gijón, Espanha, sendo um dos autores hispano-americanos mais traduzidos. Seu reconhecimento como escritor ocorreu em 1992 com a publicação de *Un viejo que leía novelas de amor*. Até o momento são pelo menos 21 obras publicadas e 11 prêmios recebidos. O mais recente foi o prêmio Primavera de Novela (2009) pela obra *La sombra de lo que fuimos*. Esse romance narra o reencontro de Cacho Salinas, Lolo Garmendia, Lucho Arancibia e Coco Aravena, quatro sexagenários que se conheceram jovens, quando ainda eram militantes de esquerda em prol da candidatura de Allende e mais tarde contra a ditadura do General Augusto Pinochet. Esse reencontro ocorre mais precisamente no dia 15 de julho de 2008, depois de 35 anos sem terem notícias um dos outros. Em poucas horas de conversa, as memórias dos anos de ditadura vêm à tona trazendo a dor de tempos difíceis.

2. Analisando a obra *La sombra de lo que fuimos*

O estudo da memória é um problema de pesquisa de grande interesse para diversas áreas do conhecimento. Na historiografia isso não é diferente. No século XX, especialmente, eventos traumáticos, alguns de proporções até mundiais, deram a origem a gerações marcadas pelo dor da morte, da separação, dos desaparecimentos, perseguições políticas e extermínios em massa. O objetivo desse capítulo é demonstrar que em *La sombra de lo que fuimos* a construção da memória do período ditatorial chileno se dá (não desprezando muitos outros elementos possíveis), a partir do compartilhamento de recordações que reforçam o aspecto traumático das experiências vividas no período.

2.1. Tornar a passar pelo coração

Para o psicanalista Ernest G. Schachtel (*apud* FERREIRA, 2006:16), “a memória pode ser entendida como a capacidade de organizar e reconstruir as experiências e impressões passadas a serviço das necessidades, dos temores e dos interesses atuais ou antecipatórios”. Na explicação de Ferreira (2006:16), a memória é “a capacidade de adquirir, reter e recuperar informação para uso oportuno, que se manifesta por meio da possibilidade de respostas flexíveis aos estímulos ambientais”. De forma semelhante, para Astrid Erll (2012:10), pesquisadora de literaturas e culturas na Universidade de Frankfurt, a recordação possui duas características centrais, sendo elas: sua relação com o presente e seu caráter construtivo. A recordação está relacionada ao presente, uma vez que não são cópias objetivas de uma realidade passada. As recordações se dão conforme as necessidades e interesses do presente. A partir do presente são selecionados os dados que serão lembrados do passado e que constituirão a memória.

Segundo Erll (2012:10), “*el recuerdo individual y el colectivo nunca han sido por cierto un espejo del pasado, sino un indicio de gran valor informativo sobre las necesidades e intereses de los que recuerdan en el presente.*” Nesse sentido, o interesse maior da investigação não recai necessariamente sobre o passado recordado, mas sim sobre esse presente que escolhe, seleciona e reagrupa as recordações. Nas palavras da professora de estudos literários, Aleida Assmann (2011:172), “a memória é o armazenador de onde a recordação se serve, seleciona, atualiza”. No que se refere à recordação, Erll esclarece que:

El recuerdo se comporta de manera selectiva: de la multiplicidad de acontecimientos, procesos, personas y medios del pasado elige algunos elementos. Estos procesos de elaboración se evidencian en muchos medios y prácticas de la cultura del recuerdo y, sobre todo, también se los encuentra en la literatura. (ERLL, 2012:198).

Esses apontamentos são importantes, pois se observa em *La sombra de lo que fuimos* um nítido resgate de recordações, em sua maior parte, dolorosas. No âmbito desse trabalho, quando se compreende que a recordação atende a uma necessidade do presente e que é esse presente quem seleciona os dados que serão lembrados do passado e que constituirão a memória, deparamo-nos com a seguinte questão: a qual necessidade do presente *La sombra de lo que fuimos* atende ao selecionar recordações que trazem novamente à tona sentimentos dolorosos decorrentes do período ditatorial chileno?

Etimologicamente, o termo recordar vem do latim *recordis – re*, de “novamente”, *cordis*, de “coração”. É nesse sentido que de forma poética o escritor uruguaio Eduardo Galeano em o “O livro dos abraços”, interpretou o termo a partir da ideia de “tornar a passar pelo coração”. Em outras palavras, mais do que o resultado de trocas químicas da nossa mente, a recordação passa pelo coração, o qual, como sabemos, está culturalmente associado à representação simbólica dos sentimentos e emoções. Claro que não apenas isso, mas o que encontramos em muitas das literaturas latino-americanas em tempos de ditadura é especialmente o ato de recordar e, nesse ato de recordar ou “tornar a passar pelo coração” se sobrepõe o resgate das emoções de dor e sofrimento. Em *La sombra de lo que fuimos* isso não é diferente. Considerando as colocações de Schachtel, Ferreira e Erll, esse resgate seria a serviço de alguma necessidade, temor e interesse atual? De quem? Seria para algum uso oportuno ou resposta a algum estímulo? Começemos pela análise da seguinte passagem extraída do romance:

Regresó al crucigrama. Seis letras, ciudad del País Vasco – Bilbao, siempre sale. ¿Por qué no ponen palabras inteligentes que tengan que ver con nosotros? Por ejemplo: diez letras, campo de concentración en el que si te sacaban de noche no regresabas nunca. Puchuncaví. Ocho letras, lo que sientes cuando tus viejos van a verte a la cárcel y te dicen que tu hermano Juan ha muerto acribillado a tiros en un basural. Tristeza. Seis letras, qué sientes si al abrir un agujero en la tierra encuentras tres esqueletos con las manos atadas a la espalda y uno lleva los zapatos de tu hermano Alberto. Bronca. (SEPÚLVEDA, 2009:35).

Chovia e fazia muito frio. A noite caía. Lucho Arancibia tinha em mãos um exemplar do jornal chileno *El Mercurio*. Como de costume, resolvia um jogo de palavras-cruzadas. Ele estava sozinho em seu velho galpão, onde décadas antes havia funcionado a oficina mecânica *Arancibia Hermanos*. Enquanto ele se distraía com o passatempo, veio a sua lembrança a imagem dos seus pais, da sua mãe chamando para o jantar e dos seus irmãos Juan e Alberto. Com o desenrolar do romance é que o leitor descobre que os irmãos Juan e Alberto, há anos, haviam sido assassinados pelas forças repressoras da ditadura. Esse cenário e essas lembranças tão antigas são o que antecedem a passagem acima. Assim, Lucho Arancibia se indignou com aquele jogo de palavras-cruzadas, cujo enigma contemplava termos tão recorrentes como *sopaipilla*, *sopaipilla pasada*¹ ou Bilbao. As lembranças das suas experiências dolorosas, passadas no âmbito da ditadura militar chilena, o faziam crer que

¹ *Sopaipilla pasada* ou simplesmente *sopaipilla* é uma espécie de pão frito, muito comum na mesa chilena.

esses termos poderiam perfeitamente ser substituídos por outros que, a seu ver, tinham mais relação com a história do Chile, tais como *Puchuncaví*², *Tristeza* e *Bronca*³.

Mesmo em um momento de descontração, como em um jogo de palavras-cruzadas, lhe vinham à memória perdas e recordações tristes de experiências vividas durante o governo ditatorial. Todavia, aquele momento era diferente dos demais, pois logo mais, após três décadas de separação, Lucho Arancibia se reencontraria com seus antigos colegas de militância para por em ação uma tentativa de retaliação contra os causantes do seu sofrimento. Respondendo a uma necessidade do presente, era como se a sua mente trouxesse do sótão as recordações que dariam sentido àquele ato e as reorganizassem. Isso nos remete a Assmann ao dizer que:

O sótão é um retrato vivo para a memória latente: desarrumado, negligenciado, os objetos ali, espalhados ao redor. Elas estão lá simplesmente, como velharias, coisas descartadas e negligenciadas, sem finalidade e objetivo. Como as velharias, também as recordações latentes existem em um estado intermediário, de onde incidem na escuridão do pleno esquecimento, o podem ser resgatadas para a luz da rememoração. (ASSMANN, 2011:274).

O plano de vingança que logo mais seria executado pelo grupo de amigos, do qual Lucho Arancibia fazia parte, pode ser configurado como parte do processo que Schachtel (*apud* FERREIRA, 2006:16) e Ferreira entenderam como memória, ou seja, enquanto organizadora de experiências passadas em resposta a uma necessidade atual e até mesmo antecipatória. Aquelas recordações, se algumas latentes no sótão, se manifestavam agora e se reorganizavam respondendo a uma necessidade oportuna daquele presente: a retaliação. Certamente, apoderar-se de quase meio milhão de dólares que pertencera a um articulador do golpe de Pinochet não responderia à altura o dano que lhes fora imputado, mas era, na medida do possível, uma forma de reação e que ganhava sentido com a recordação.

² Vale lembrar que *Puchuncaví*, citado por Arancibia nessa passagem, é uma cidade no Chile, mais precisamente na Província de Valparaíso. No governo do ditador Augusto Pinochet, abrigou o *Campo de Concentración Melinka*, no período de 1973 a 1976.

³ Entre outros sentidos, a palavra em espanhol *bronca* está relacionada ao ato de brigar, reclamar, discutir e protestar por não se estar de acordo sobre uma determinada situação. O Dicionário Señas (2013, p. 180) apresenta, entre outras, a seguinte definição para *bronca*: “enfrentamiento entre dos o más personas por no estar de acuerdo sobre una circunstancia o idea. (...) Protesta o muestra de enfado mediante gritos (...)”.

2.2. Os estabilizadores da recordação

Para Assmann (2011:267), o caráter volátil e incerto da recordação exigiu de pessoas de todos os tempos e culturas que desejaram a permanência de tais recordações o que a autora chama de “estabilizadores da recordação” que englobaram “desde mnemotécnicas objetais e visuais até a escrita”. No que concerne à escrita, poderíamos até arriscar a dizer que a memória das experiências dolorosas da ditadura chilena está significativamente presente devido, pelo menos em parte, à produção literária de pessoas como Luis Sepúlveda que exercem o papel de manter essas recordações manifestas, que fazem esse trabalho de “tornar a passar pelo coração” (recordar).

Para Assmann, há quatro elementos estabilizadores da recordação: a língua, o afeto, o símbolo e o trauma. Interessante notar que esses quatro elementos estabilizadores são possíveis de ser identificados em *La sombra de lo que fuimos*, reforçando a nossa hipótese de que o romance em estudo pode ser visto como um espaço de construção da memória acerca da última ditadura cívico-militar chilena, prezando por aquelas recordações que reforçam o caráter traumático do período. Iniciemos com a questão da língua:

A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural. Quando ocorre a verbalização, não nos lembramos mais dos acontecimentos em si, mas da nossa verbalização deles. (...) Pela língua, recordações individuais são estabelecidas e socializadas. (ASSMANN, 2011:268-269).

Assmann explica que a língua age como estabilizador da memória quando ocorre a verbalização da recordação. Quanto mais falarmos sobre um acontecimento, menores serão as chances de se esquecê-lo. Em *La sombra de lo que fuimos*, podemos identificar essa verbalização em vários momentos, especialmente nas passagens em que as recordações dos antigos militantes de esquerda são acalentadas pelo vinho e compartilhadas entre si em torno da fogueira, bem como nas recordações compartilhadas pelo inspetor Crespo para com Adelita, jovem e recém-iniciada na carreira de detetive. É como se a recordação verbalizada funcionasse como um elemento atualizador da memória. A seguir, o momento em que Cacho Salinas fica sabendo por meio de Lolo Garmendia do assassinato dos irmãos de Lucho Arancibia, ocorrido já há muitos anos:

¿Qué pasó después de despedirnos? – consultó Salinas.

Me quedé en Santiago, lo pasé mal, las casas de seguridad cayeron una tras otra y finalmente me salvó la familia de Lucho. Gente buena, valiente. Aunque los dos hermanos de Lucho estaban presos, me acogieron y escondieron hasta que pude salir del país. En el exilio me enteré de que a los dos los asesinaron.

– Lo siento, Lucho, no lo sabía – indicó Salinas. (SEPÚLVEDA, 2009:73).

No que se refere ao afeto, Assmann coloca que esse desempenha um papel central na história da mnemotécnica. A partir de Rousseau, a autora explica que o afeto funciona como estabilizador de memória, pois há certas recordações que permanecem por estar ancoradas em uma cadeia de sentimentos. Assmann cita ainda o trabalho de Jean Starobinski, para o qual “o sentimento é o centro indestrutível da memória” (STAROBINSKI *apud* ASSMANN, 2011: 271). No âmbito desse trabalho, portanto, falar de afeto será falar de afetividade, ou como colocado por Houaiss (2001:102) da “tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções” ou ainda, do sentimento de afinidade em relação ao outro. Ser afeto requer a existência do outro e na relação com esse outro ter-lhe um sentimento de estima, profunda consideração e ligação. Em *La sombra de lo que fuimos* é possível de se encontrar exemplos de afeto ao longo de todo o romance, como na seguinte passagem:

Lolo Garmendia dejó la bolsa de pan junto a los pollos, se quitó el impermeable chorreante y enseguida se encontró con la mirada de Cacho Salinas. Imaginaba lo que el otro pensaba al verlo con treinta kilos de más, algo más de un kilo por cada uno de los años que los habían separado. Y calvo, por añadidura, despojado para siempre de la pelambreira de black panther que tantos suspiros arrancaba entre las compañeras. Pero el hombre que tenía enfrente tampoco era el mismo del que se despediera con un abrazo aquel martes 11 de septiembre del 73.

— Putas que estamos viejos, Lolo —saludó Salinas.

—Y tú con esa barba de Santa Claus —respondió Garmendia, y los dos hombres se fundieron en un abrazo. (SEPÚLVEDA, 2009: 68).

O último abraço entre Lolo Garmendia e Cacho Salinas havia ocorrido em 11 de setembro de 1973. Após 25 anos de distância, reconheceram-se mais gordos, velhos e calvos, mas a amizade e a cumplicidade em fazer do Chile um país melhor se manteve imune ao passar dos anos. Outra demonstração de clara de afeto chama a atenção nesse romance, dessa vez não pela amizade imune ao passar das décadas, por mostrar como o afeto pode se dar mesmo entre desconhecidos e de forma imediata, é o encontro entre esse mesmo Cacho Salinas e o vendedor de frangos:

El vendedor le indicó una de las tres mesas cubiertas con manteles de plástico y abandonó el mostrador portando una botella de vino y dos vasos. Sirvió, los dos hombres se miraron fugazmente a los ojos y descubrieron las mismas sombras, las mismas ojeras, el mismo glaucoma histórico que les permitía ver realidades paralelas o leer la existencia contada en dos líneas narrativas condenadas a no coincidir: la de la realidad y la de los deseos. Los naufragos del mismo barco tienen un sexto sentido que les permite reconocerse, como los enanos. (SEPÚLVEDA, 2009:20).

Quando eles finalmente se olharam diretamente nos olhos, a sensibilidade de ambos mostrou que o glaucoma e as olheiras de cada um deles revelavam um passado traumático em comum. O afeto entre Cacho Salinas e o vendedor de frangos foi imediato. E essa afinidade proveio da capacidade de cada um deles de reconhecer o outro e de enxergar no outro a si mesmo. O *sexto sentido* colocado pelo narrador para explicar esse pronto reconhecimento pode ser compreendido, entre outros caminhos possíveis, em torno da ideia de sensibilidades, tão bem explorada pela historiadora Sandra Pesavento (2005) e definida como “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos.” Ela esclarece que estudar sensibilidade não é o mesmo que tentar sentir a mesma emoção do sujeito histórico, mas tentar explicar como foi a sua experiência sensível a partir dos rastros deixados, sendo mais uma forma de fornecer ao historiador certas representações, reações e mobilizações do tempo passado.

Outro elemento apresentado pela autora como estabilizador da memória é o símbolo. Particularmente, podemos entendê-lo como um objeto, uma figura, uma pessoa ou outro elemento que podemos associar e remeter a uma recordação durável. Isso remete a uma das poucas passagens bem humoradas de *La sombra de lo que fuimos*. O narrador abre o segundo capítulo do romance dizendo que “Cacho Salinas odiaba los pollos, las gallinas, los patos, los pavos, todo bicho que tuviera plumas (...)” (SEPÚLVEDA, 2009:17). O ódio de Cacho Salinas aos frangos se dava por uma ocupação da ultraesquerda no ano de 1971, da qual ele fez parte, já no governo do presidente eleito Salvador Allende. Ele foi nomeado pelos membros da organização como interventor de uma avícola. Ao terceiro mês a ocupação se mostrou um desastre quando os ocupantes da fábrica de ração decidiram não liberar mercadoria para a avícola. Os frangos famintos passaram a se picotar e praticar o canibalismo. A imagem do frango, portanto, remetia Cacho Salinas a lembranças sobre certas dificuldades de articulação dentro do próprio movimento de esquerda. As ideias socialistas se

mostravam aplicáveis na teoria, mas ao serem colocadas em prática poderiam tomar rumos indesejáveis diante da falta de articulação de determinadas lideranças.

O último estabilizador da memória, na visão de Assmann, é o trauma. Para a autora (2011:265), “podemos caracterizar o trauma como uma escrita duradoura do corpo”. Assmann (2011:283) sintetiza o trauma como aquilo que transforma o corpo em área de gravação. Além do sofrimento psicológico, as marcas físicas no corpo chamam a atenção nesse romance quando se propõe a pensar a relação entre corpo e memória. Para Assmann (2011:263), Nietzsche trouxe consequências importantes para o conceito de memória quando “declarou como superfície da escrita o corpo susceptível e vulnerável, e não mais o coração e a alma”, de forma que essa “memória está escrita está coberta com uma escrita cultural, inscrita no corpo de forma direta e inextinguível [associando-a], pela primeira vez, a instituições de poder e violência”. O personagem Lucho Arancibia teve o seguinte pensamento:

No. No eran la Joven Guardia. La juventud se había quedado diseminada en cientos de lugares, arrancada a jirones por los golpes de picana eléctrica en los interrogatorios, sepultada en fosas secretas que lentamente aparecían (...). (SEPÚLVEDA, 2009:38).

Arancibia fazia parte de uma geração que trazia em seu corpo as marcas da ditadura. A palavra *jirones* em espanhol pode ser entendida em português como farrapos, retalhos de roupas (MICHAELIS, 2007:229). Já, *picana eléctrica* é uma espécie de arma de choque, cujo uso foi largamente aplicado nas ditaduras do sul do continente americano. Portanto, Arancibia faz referência a uma juventude passada tão castigada que suas roupas se transformavam em retalhos. Uma juventude da qual ele próprio fizera parte. Em mais uma passagem, Arancibia relata a violência imposta pela ditadura, dessa vez mostrando como a violência física está atrelada a problemas de ordem psicológica e dificuldades de relacionamento social, dos quais ele era o próprio exemplo:

Yo hablo solo, Cacho. Los milicos me fundieron un plomo y hablo solo. A veces voy por la calle y empiezo a discutir conmigo mismo, la gente me mira, algunos se cagan de la risa, otros me hacen demostraciones de lástima, pero no me importa. ¿Qué mujer se juntaría con un tipo que habla solo? (SEPÚLVEDA, 2009:41).

Assmann observa que Nietzsche desenvolveu a tese da ‘dor como o acessório mais poderoso de mnemotécnica’⁴. Para provar a sua tese, Nietzsche mostra como se cria uma memória para o animal humano de modo que essa memória permaneça. Sua resposta foi que ‘marca-se a fogo [lembre-mos da *picana eléctrica*], e com isso alguma coisa ficará na memória; **só o que não termina, o que dói, fica na memória**’. (ASSMANN, 2011:263, grifo meu). A esse respeito, Assmann chega à seguinte conclusão:

Assim, em um sentido amplo também devem contar como inscrições culturais do corpo as agências de socialização e os institutos da disciplina e da punição, para os quais importa inculcar nas pessoas determinados valores e normas de convívio (...) e mantê-los presentes por meio de uma memória. (ASSMANN, 2011:263-264).

Outro autor citado por Assmann sobre a relação entre corpo e memória é do antropólogo francês Pierre Clastres. A seu respeito, Assmann coloca que “ele faz valer a ideia de que uma memória corporal se fixa, **mesmo depois do alívio da dor**, em traços e cicatrizes” (PIERRE CLASTRES *apud* ASSMANN, 2011:264, grifo meu) e cita a seguinte colocação do autor:

*Depois da iniciação, quando já ficou esquecida a dor, ainda resta algo, um resíduo irreversível, os vestígios que a faca ou a pedra deixam no corpo, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado (...). As marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é memória. (CLASTRES *apud* ASSMANN, 2011:264).*

Nas palavras de Assmann (2011:265), “a memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental. Embora esta se esfalece na velhice, o que é de esperar, aquela nada terá perdido a sua força”. Seria como dizer que a cicatriz no corpo funcionasse como um estabilizador do momento em que ela foi inscrita. Dessa forma, a recordação da sua inscrição não oscila. Pelo contrário, é uma recordação permanente, regular. A certa altura de *La sombra de lo que fuimos*, o narrador faz referência às cicatrizes já não apenas de Lucho Arancibia, mas da sociedade chilena como um todo ao dizer: “*La lluvia continuaba cayendo con furia, pero no importaban ni el frío, ni la noche, ni la certeza de que al otro lado del portón estaba la ciudad hostil llena de cicatrices de lo que una vez había*

⁴ A mnemotécnica está relacionada à “arte e técnica de desenvolver e fortalecer a memória mediante processos artificiais auxiliares (...) que ajuda a memória” (Dicionário Aurélio, 2010:1407).

vido.” (SEPÚLVEDA, 2009:131). Aqui as cicatrizes tomam uma proporção muito mais complexa e coletiva.

2.3. Tornar a sentir

Não apenas isso, mas entre outras abordagens possíveis, parte das recordações carregadas de tristeza e raiva de Lucho Arancibia pode ser analisada a partir da ideia de ressentimento. O termo deriva do verbo “ressentir”. Etimologicamente, *re*, de “novamente” e *sentio*, de “perceber pelos sentidos”, ou seja, de “tornar a sentir”⁵. Segundo o filósofo brasileiro Antônio Edmilson Paschoal (2008:13), a primeiro momento esse seria um termo neutro, pois se pode reviver qualquer tipo de sentimento, seja positivo ou negativo, mas geralmente o conceito está ligado ao ato de voltar a sentir sensações tristes e desagradáveis. Em *La sombra de lo que fuimos* as lembranças do período ditatorial parecem “tornar a passar pelo coração” dos seus personagens, cujo processo os fazem “tornar a sentir” a dor.

O filósofo francês Pierre Ansart, explorando a relação entre história e ressentimento, cita o trabalho do sociólogo Robert Merton (1910-2003) que revisitou os trabalhos dos filósofos Nietzsche e Max Scheler, concernentes ao conceito de ressentimento. Segundo Ansart (2004:18), Merton entende esse conceito como “um conjunto de ‘sentimentos’ em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, ‘a experiência continuamente renovada’ da impotência rancorosa”. Para Ansart, a definição de Merton não é capaz de descrever o tamanho ressentimento coletivo deixado pelas guerras, conflitos religiosos, raciais e genocídios que acometeram o século XX [mas afinal, seríamos capazes de encontrar um termo que conseguisse expressar esse século?]. Dessa forma, Ansart também revisita os trabalhos de Nietzsche e Scheler e propõe seis acréscimos à definição de ressentimento proposta por Merton.

Primeiro: há uma diversidade de ressentimentos, portanto devemos pensá-los sempre no plural. Segundo: os ressentimentos possuem diferentes intensidades, desde o comum, do qual, segundo Freud, todos somos portadores, ao delirante que pode levar o indivíduo à prática do suicídio. Terceiro: não se deve pensar o ressentimento separado das representações, ideologias, imaginários, crenças e discursos que sempre trazem à tona esses sentimentos.

⁵ O Dicionário Houaiss (2001:2441) apresenta, entre outras, a seguinte definição para ressentir: “tornar a sentir; sentir muito <r. uma perda>”. Já o ressentimento está relacionado, entre outros significados, ao “ato ou efeito de ressentir (-se). (...) mágoa que se guarda de uma ofensa ou de um mal que se recebeu; rancor”.

Quarto: é preciso refletir sobre os “provocadores” de ressentimento, ou seja, estudar o papel desempenhado por indivíduos, grupos, movimentos que se colocam como porta-vozes de uma sensibilidade comum, tais como os escritores, entre outros exemplos colocados por Ansart. Esse ponto nos chama bastante atenção, em especial por nos permitir pensar a literatura como porta-voz de recordações traumáticas e experiências dolorosas.

O quinto acréscimo proposto por Ansart refere-se às consequências do ressentimento. Nietzsche, Scheler e Merton tratam o ressentimento como um sentimento contido, inibido e ruminado que trazem em si a impotência do ódio. Ansart discorda, pois seria o mesmo que dizer que o indivíduo nada pode fazer para manifestar o seu ressentimento, o que significaria a extinção do ódio em sua forma exteriorizada. Sim, o ressentimento é “ruminação” e está ligado a um sentimento de impotência, mas “a questão essencial colocada, às vezes de difícil resposta, é a necessidade de compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, as quais comportamentos servem de fonte e que atitudes e condutas inspira, consciente ou inconscientemente” (ANSART, 2004:21).

Já o sexto e último acréscimo colocado por Ansart à definição de Merton, diz respeito aos sentimentos que originam o ressentimento. À inveja, ciúme, rancor, maldade e desejo de vingança, Ansart acrescenta a experiência da humilhação, do medo, da inferioridade e da ferida à autoestima e ao amor-próprio. A questão a que nos colocamos é se essa ideia de ressentimento apresentada por Ansart pode ser uma forma de enxergar as emoções que emanam dos personagens de *La sombra de lo que fuimos*. Sem a pretensão de fornecer uma resposta pronta e acabada, é possível acreditar de que, pelo menos em parte, isso é possível de ser considerado. Naquela noite fria e chuvosa de julho, aqueles militantes de esquerda, após trinta e cinco anos de espera por uma vingança contra o regime ditatorial, recorreram ao ato de “tornar a sentir” como forma de embasamento e estímulo para retomarem a fortuna usurpada há mais de três décadas dos cofres chilenos. Aqui, recordar e ressentir se confundem, na medida em que o ressentimento atendeu a uma necessidade do presente daqueles personagens. Isso nos faz pensar que o próprio romance *La sombra de lo que fuimos*, enquanto obra artística e literária, também possa ser visto do ponto de vista de uma estratégia de “tornar a sentir”, mas agora da pessoa Luis Sepúlveda. Ou seja, do ponto de vista de uma pessoa que também sofreu a perseguição do regime ditatorial chileno. De alguém, que assim como seus personagens da ficção, foi preso, exilado e busca reparação, como fica evidente nas

suas muitas manifestações contra os responsáveis pelo horror daquele período através de colunas em jornais, participação em eventos, entrevistas impressas e visuais. Vejamos mais uma passagem extraída do romance em estudo:

Lucho Arancibia estaba ahí porque todavía era dueño del galpón, y porque tras muchos días de charla con Lolo Garmendia éste lo había convencido de lo que ya sabía. No existía la justicia y solamente los cretinos o los cobardes podían confiar en que alguna vez el pañuelo paternal del Estado les secaría las lágrimas lloradas o contenidas por más de treinta años. (SEPÚLVEDA, 2009:69-70).

Na passagem acima deparamo-nos com a queixa de Lucho Arancibia, mas também de Lolo Garmendia que o convencera, contra um Estado que, além de ser a causa do seu sofrimento, engana a muitos com a ilusória possibilidade de consolo. Observemos que o narrador faz referência não apenas às “lágrimas lloradas”, mas também às lágrimas “contenidas”⁶, o que reforça a possibilidade aqui apresentada de identificarmos nas recordações daqueles personagens a marca do ressentimento por estar ligado à internalização do sofrimento. Quando falamos em contidas, estamos falando de lágrimas que por algum motivo ou outro foram guardadas para si “por más de treinta años”, reprimidas, ruminadas. Isso é importante pontuar para mostrar que na passagem acima podemos estar diante de uma manifestação de ressentimento, tristezas que “tornam a passar pelo coração”.

Aqui o tempo não parece estancar a dor, talvez sua ação esteja em ensinar a melhor lidar (ou acostumar-se?) com ela. Observemos, por exemplo, que o plano de vingança arquitetado pelos personagens de Pedro Nolasco, Cacho Salinas, Lolo Garmendia e Lucho Arancibia seria executado trinta e cinco anos depois da subida de Pinochet ao poder. Ou seja, três décadas não foram suficientes para amenizar das suas memórias o impacto que sofreram. Já a obra de Sepúlveda foi publicada no ano de 2009, portanto, dezenove anos após o fim da ditadura no Chile. Isso nos faz lembrar da historiadora Sandra Pesavento (2004:83) ao dizer que em termos de literatura como fonte, “o que conta para o historiador não é o tempo da

⁶ O Dicionário Señas (2013:337) apresenta, entre outras, a seguinte definição para a palavra em espanhol *contenida*: “que frena o sujeta un impulso para que sea menos intenso”. Em português, a palavra em espanhol *contenida* está próxima de contida, que por sua vez, está relacionada a algo que está guardado, internalizado. O Dicionário Houaiss (2001:818) apresenta, entre outras, a seguinte definição para contido (a): “que se contém (...) que está encerrado no interior de alguma coisa (...) que se reprime, que não se expande; refreado, comedido, reprimido (...)”.

narrativa, mas sim o da escrita”, essa literatura do presente que recorda e resente, bem como de Walter Benjamin ao dizer que:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele foi de fato’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. (...) trata-se de fixar uma imagem do passado da maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo. (BENJAMIN, 2012:243).

Trazendo para a nossa análise, é como dizer que para o historiador, mais importante do que o romance em estudo dar-nos a conhecer as décadas de 70 e 80, é saber o tempo em que essa obra foi escrita por Sepúlveda, ou seja, 2009, dezenove anos após o término da ditadura no Chile, o que nos faz pensar que *La sombra de lo que fuimos* possa ser, pelo menos em parte, a expressão artística dos ressentimentos do próprio autor. Se por um lado podemos admitir que as experiências dolorosas da ditadura chilena ainda se fazem presentes (apesar dos anos já passados), por outro seria interessante considerarmos como hipótese de que, pelo menos em parte, isso provém do esforço de pessoas que fazem e exercem o papel de “tornar a passar pelo coração” essas recordações ou de ressentir/ “tornar a sentir” as experiências dolorosas daquele período, configurando-se em um apelo desesperado (?) para se manter certas representações do passado. Isso é possível de ser fazer através da literatura, pois como colocado por Erll (2012:197), os textos literários “(...) *cumplen diversas funciones en la cultura del recuerdo como, por ejemplo, formar representaciones sobre mundos pasados, transmitir imágenes de la historia, negociar las competencias del recuerdo y reflexionar sobre los procesos que lleva a cabo la memoria (...).*”

2.4. Laços de solidariedade através do trauma

Um fator importante de ser observado na fala de Lucho Arancibia é como o ressentimento decorrente da ditadura chilena criou laços de solidariedade para se combater aqueles que, de alguma maneira, causaram-lhes alguma forma de prejuízo. Observemos a sua fala na seguinte passagem:

(...) La única lección que me dejó la derrota es que nosotros mismos formamos una poderosa quinta columna, la del sectarismo. Propongo invocar al espíritu de los mineros asturianos del 34 – dijo Arancibia. (SEPÚLVEDA, 2009:131).

Em sua fala, Arancibia refere-se a si e ao grupo ao qual faz parte como uma coluna poderosa: a do sectarismo. Com a derrota, a relação que eles estabelecem com o poder, partindo dos sentidos conferidos à palavra sectarismo, é de intolerância, intransigência e postura de quem defende obstinadamente seu posicionamento ideológico. Como considerado por Ansart:

(...) os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações (as ‘explosões de sentimentos’, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes. O ódio recalado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo. (ANSART, 2004:21-22).

Há ainda outra passagem no romance que nos faz pensar como o sofrimento pode criar uma espécie de vínculo entre as pessoas. Trata-se de uma conversa em um estabelecimento comercial entre Cacho Salinas e o mal-humorado vendedor de frango assado. Devido à forte chuva que caía, Cacho Salinas se deteve no estabelecimento comercial. O desconhecido e mal-humorado vendedor, inesperadamente, o convidou para se sentar e compartilhar um vinho. Vejamos a seguinte passagem:

El vendedor le indicó una de las tres mesas cubiertas con manteles de plástico y abandonó el mostrador portando una botella de vino y dos vasos. Sirvió, los dos hombres se miraron fugazmente a los ojos y descubrieron las mismas sombras, las mismas ojeras, el mismo glaucoma histórico que les permitía ver realidades paralelas o leer la existencia contada en dos líneas narrativas condenadas a no coincidir: la de realidad y la de los deseos. Los naufragos del mismo barco tienen un sexto sentido que les permite reconocerse, como los enanos. (SEPÚLVEDA, 2009:20).

Aqueles dois homens eram desconhecidos, mas de alguma forma unidos pelas experiências do passado político chileno. Reconheceram nos olhos um do outro o mesmo passado de luta e militância política. “*El vendedor había sido, y era, comunista*” (SEPÚLVEDA, 2009:20). Assim como Cacho Salinas, também passou longos anos no exílio. Quem era esse vendedor? Não sabemos nem ao menos o seu nome. O narrador não cita.

Provavelmente, Cacho Salinas prosseguiu seu caminho sem se interessar em saber. Pode ser um indicativo de que, assim como aquele vendedor desconhecido de olheiras escuras, há muitos outros que sofreram dificuldades semelhantes em termos de perseguição política e exílio. Nomes que não entraram para os livros de História do Chile, mas que mesmo assim fazem parte dela. Pode ser também um indicativo que militantes, mesmo que nunca tenham se visto, saberão se reconhecer, sentirem-se próximos um do outro pela dor.

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas del recuerdo**: estudio introductorio. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Regis Cavini. **Respostas autonômicas e neuroendócrinas à recuperação de memórias traumáticas**. Disponível em: <file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/Tese.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHAELIS. **Dicionário escolar espanhol**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. **As formas do ressentimento na filosofia de Nietzsche**. Revista *Philosophos* 13 (1): 11-33, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/7961>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

PESAVENTO, Sandra. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Colóquios, posto online no dia 04 Fevereiro 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SEÑAS. **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños** / Universidad de Alcalá de Henares. 4. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SEPÚLVEDA, Luis de. **La sombra de lo que fuimos**. Madri, Espanha. Espasa Libros. 2010 [2009].